

UM ESTUDO COMPARADO DA MEMÓRIA EM NOSSO MUSSEQUE E NÓS, OS DO MAKULUSU, DE LUANDINO VIEIRA

Claudia Eliane Zortea¹

Resumo: O presente trabalho pretende investigar nas obras *Nosso Musseque* e *Nós, os do Makulusu*, do escritor angolano Luandino Vieira, como a memória se desenvolve e contribui para a construção da identidade dos narradores. Estas obras são elaboradas a partir da memória dos narradores, que recordam os tempos da infância para significarem-se em meio à crise social e política por que passava Angola. Mas o que parece um processo reconfortante para o narrador de *Nosso Musseque* revela-se perturbador para o narrador de *Nós, os do Makulusu*.

Palavras-chave: Literatura angolana, memória, identidade.

Abstract: This work intends to investigate how the memory develops itself and contributes to the construction of the narrators' identity in both Luandino Vieira's works *Nosso Musseque* and *Nós, os do Makulusu*. These works are elaborated through the narrators' memory, who use childhood memories to identify themselves during the social and political crisis that Angola was suffering. But what seemed to be a comforting process to the narrator from *Nosso Musseque* reveals to be disturbing to the narrator from *Nós, os do Makulusu*.

Keywords: Angolan Literature, memory, identity.

1 - Memória e infância em *Nosso Musseque* e *Nós, os do Makulusu*

Cada ser tem duas margens, uma em cada lado do tempo².

As obras *Nosso Musseque* e *Nós, os do Makulusu*, do escritor angolano Luandino Vieira, são construídas pelas vias da memória de seus narradores que evocam a infância num processo de compreensão e construção da própria identidade. Tal processo que parece confortante e nostálgico para o narrador de *Nosso Musseque*, é conflituoso para o narrador de *Nós, os do Makulusu*. Partindo dessa diferença na estruturação da memória e dos narradores, pretendemos verificar como a memória se desenvolve na construção da identidade dos narradores e verificar em que medida a experiência desses narradores relaciona-se com os conflitos em decorrência da guerra de libertação em Angola.

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação stricto sensu em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

2 Fala da personagem Andaré Tchuisco em *Vinte Zinco*, romance de Mia Couto.



As obras *Nosso Musseque* e *Nós, os do Makulusu* foram escritas na década de 60, a primeira entre dezembro de 1961 e abril de 1962 e a segunda entre os dias 16 e 23 de Abril de 67, ambas enquanto o escritor era mantido como preso político no campo de concentração de Tarrafal em Cabo Verde. O escritor que participou ativamente de manifestações em favor da libertação da Angola insere no discurso dos romances situações da guerra mesmo estando longe fisicamente dela. Mas o foco principal das narrativas de Luandino não é a guerra, seu relato interessa-se pelas consequências do conflito para a sociedade angolana. A (não) representação da guerra tem a ver com as circunstâncias em que foram escritos os romances, em cárcere. A prisão para o escritor angolano como laboratório para sua criação. Como observa Agnès Levécot, a situação em que foram escritas as obras em questão foi prevista por Luandino em seu primeiro livro *A cidade e a infância*, publicado em 1957, onde o narrador do conto *O despertar* fala sobre uma das personagens: “A prisão foi para ele de grande utilidade. Nos longos momentos de solidão reviu o que passara e pensou muito. Acusou-se do que tinha culpas. Era a menor parte. E tirou de tudo a grande lição” (VIEIRA, 2007, p. 23).

O trauma da guerra é descrito sutilmente; não em cenas impactantes, mas com reflexões sobre as mudanças na vida social. O narrador de *Nosso Musseque* memoriza os tempos de menino perambulando entre as cubatas e participando do cotidiano da comunidade pobre, onde os impactos do colonialismo são mais visíveis. Por meio de suas memórias percebemos uma imensa saudade da infância, pois o passado remoto é revisto como forma de sentir-se bem, como neste excerto, em que o narrador fala sobre as conversas dos meninos do musseque nas reuniões noturnas na casa do capitão Bento Abano:

O mar, as ilhas, os ventos chegavam na voz do capitão Bento; só Domingas ia no pequeno armário, punha abafado para todos, quitoto para o Zeca, era só essa bebida o menino gostava, a gente bebia. Carmindinha costurava e eu mirava o capitão e o Zeca nessas discussões do mar e só metia mesmo para falar do nosso jornal e os jornais do antigamente onde o mestre escrevia. E, nesse barulho pequeno da conversa assim, mamã Domingas cochilando era aviso de sairmos embora (VIEIRA, 2003, p. 16).

Já em *Nós, os do Makulusu* o narrador relembra o passado, inclusive a infância, como tempo que passou e que se diferencia de maneira cortante do presente, pois as contradições reinam no presente e a hora é de guerra. A infância ficou para trás, os meninos do Makulusu cresceram e os sonhos da infância desfizeram-se numa sociedade conflituosa. As lembranças que o narrador tem das conversas com o irmão, já adultos demonstram o pesar pelos tempos terem mudado



O capim do Makulusu secou em baixo do alcatrão e nós crescemos. E enquanto não podemos nos entender porque só um lado de nós cresceu, temos de nos matar uns aos outros: é a razão da nossa vida, a única forma que lhe posso dar, fraternalmente, de assumir a sua dignidade, a razão de viver – matar ou ser morto, de pé (VIEIRA, 2004, P. 25).

Maninho, ao falar “temos que matar uns aos outros” refere-se ao fato de que dos amigos do Makulusu, Paizinho militava contra o colonialismo e Kibiaka tornou-se guerrilheiro e lutava nas matas, enquanto que Maninho fazia parte do exército português. Os amigos que na infância e juventude trilharam juntos quando adultos pertenciam a grupos opostos que combatiam um contra o outro. Mas, a dor está no fato de que apesar de adultos, apenas uma parte deles cresceu, pois eles ainda se amam como quando criança, mas na vida adulta têm de se posicionar independentemente do passado.

É aí que as narrativas se distanciam porque enquanto o narrador de *Nosso Musseque* exalta o passado em detrimento do presente, o narrador de *Nós, os do Makulusu* não vê saída para sua dor, o passado, mero lugar de visitação da memória serve apenas para enfatizar os caminhos dolorosos tomados pelos meninos do Makulusu, unidos quando criança e separados na vida adulta.

2 - Memória: aconchego e perturbação

Os vivos têm sombra que se desenham no tempo³

A recorrência da memória combinada com tentativas de evocação da cultura oral é marca do desenvolvimento da literatura angolana e está relacionada com o projeto literário desenvolvido em Angola pelos intelectuais engajados na luta de resistência, visto que ajuda a resgatar valores e sentimentos esfumados com a ruptura entre dois universos que se afastaram: o passado e o presente de uma nação. Desde seu princípio, a literatura Angolana assumiu uma responsabilidade com a construção da nação, a partir dela podemos conhecer muito sobre a formação do país, pois ela utiliza dados do real referentes à formação cultural e histórica como sua matéria prima. Assim, aos escritores e intelectuais, coube “gerir um capital simbólico que pudesse recobrir as marcas da cisão e da descontinuidade impostas ao longo do tempo.” (CHAVES, 1999, p. 31).

A nação deveria ser reconstruída e teria de abarcar os diferentes povos afastados
3 Fala da personagem Andaré Tchuisco em *Vinte Zinco*, romance de Mia Couto.



dos entre si em decorrência das diferenças culturais. Em vista o projeto literário, muitas obras de escritores angolanos desse período retomam o passado com nostalgia. Assim, da infância feliz às angústias da vida adulta se ocupam as duas obras objeto de nossa pesquisa. Os narradores vão até o passado para mostrar como viviam as pessoas antes das lutas entre o exército de Portugal e os grupos de guerrilheiros.

Em *Nosso Musseque* o presente do narrador é a década de 60, época da guerra de libertação, mas o narrador faz um recuo temporal até a década de 40 retratando a infância quando perambulava entre as *cubatas*⁴ do *musseque*⁵ e participava ligeiramente da vida dos moradores daquele lugar que se apresenta para o leitor como uma comunidade marginalizada. O narrador sem nome vai lembrar-se de cada amigo em particular, das peripécias da infância. A criação do apelido de um amigo faz emergir a primeira parte da narrativa onde inicia dizendo que uma mesma história pode ter mais de uma versão dependendo da memória de quem conta e de sua criatividade, pois, como diziam os meninos do musseque: “a vida grande e não são só as nossas palavras que chegam para lhe mudar” (VIEIRA, 2003, p. 15).

Carmindinha punha sempre igual sua história da alcunha do menino. E a defendia sempre, séria. Mas Zaca Bunéu, com essa sua mania de contar as coisas como ele pensava, escolhia aquela outra, de mais malandro, que todos miúdos sabiam, aquela que servia o seu jeito de menino de musseque. Nessas conversas, minha opinião não entrava. Gostava, é verdade, de ver o Zeca com grandes gestos e risadas, os olhos muito grandes piscando, contar a história como ele sabia (Idem, p. 15-16).

Assim, cada história é contada a maneira da infância, com certo humor e nostalgia, simplicidade da memória de menino que vê no passado um aconchego. A única ambientação da narrativa, tanto do passado quanto do presente é o musseque, o outro lado da cidade não é retratado, embora mencionado; estar no musseque é uma condição aceita, mas dolorosa aos se apresentarem as restrições sociais. .

A maior parte da história contada em *Nós, os do Makulusu* se passa também na periferia de Luanda, num dos bairros chamado Makulusu e é narrada por Mais-Ve-

4 Casas cobertas com zinco comuns na periferia de Luanda.

5 “A palavra originalmente significava a areia vermelha, comum nessa região. E os agrupamentos de cubatas, no centro da cidade, eram designados por bairros ou sanzala. A um dado momento, os conjuntos de palhotas ou casebres no alto das barrocas ganham o nome de areais sobre a qual são construídos, e musseque passa a designar um espaço social, o dos colonizados, vítimas colocadas à margem do processo urbano. O musseque torna-se, pois, o espaço dos marginalizados que servem de reserva de mão-de-obra barata ao crescimento colonial” (PEPETELA apud MACEDO 2006: 180).



lho em 24 de outubro de 1963, quando este tem 34 anos de idade. A data indicada pelo narrador faz referência ao ano III da guerra ou ano 481º das guerras angolanas gerais. Da memória inocente do narrador de *Nosso Musseque* há uma revolução estética para a memória do adulto em *Nós, os do Makulusu*, que enfrenta o passado, não o acolhe, sendo a estrutura da narrativa a maior expressão de sua memória perturbada. O leitor se depara com a oposição entre o presente e o passado e a dúvida para com o futuro.

Do momento em que as lembranças começam a emergir, com o impacto pela morte do irmão Maninho, o fluxo mental da memória é constante e irregular, desvian-do totalmente a ordem cronológica. O conflito interno manifesta-se com dúvida, culpa, saudade e incerteza tanto do passado quanto do futuro.

Simples, simples como assim um tiro: era alferes, levou um balázio, andava na guerra e deitou a vida no chão, o sangue bebeu. E nem foi em combate como ele queria. Chorou por isso, tenho certeza, por morrer assim, um tiro de emboscada e de borco, como é que ele falava?: “Galinha na engorda feliz, não sabe que há domingo.” Como uma galinha, kala sanji uatobo kala sanji... Tinha a mania dos heróis, pensava era capitão-mor e era eu o culpado, deixara ler *As Guerras do Cadornega* para ver se ele aprendia e então me ensinou e devia estar agora no lugar dele porque ele era o melhor de todos nós, aquele a quem se estendiam os tapetes da vida. (VIEIRA, 1991, p. 09).

A memória do narrador corre pelos tempos de infância remota, antes mesmo de tomarem o navio para Angola e pelos tempos da infância mais recente quando as vidas dos quatro meninos no Makulusu que cresceram juntos começam a tomar rumos diferentes. Mais-Velho é o que vê e conta o que aconteceu com os outros, cumpre o papel do intelectual que problematiza a realidade do presente do passado e do que está por vir, apresentando uma narrativa alternativa contra as perspectivas históricas feitas em nome da memória oficial. Conta então que Paizinho, seu meio irmão por parte de pai, por fazer militância clandestina, foi preso pela PIDE - Polícia Internacional de Defesa do Estado -, Maninho seu irmão de pai e mãe, compunha o exército português e foi morto, Kibiaka, amigo inseparável dos três irmãos, tornou-se guerrilheiro que luta nas matas.

O relato dos dois narradores, num fluxo de consciência e de memória da infância - em uma narrativa mais perturbada que em outra - vai mostrar através da evolução no tempo e no espaço, como a guerra estava inscrita na consciência dos angolanos, mesmo antes de ela ser declarada. O narrador de *Nosso Musseque* em suas memórias positivas da infância, no jogo do recuo temporal faz com que o leitor ressignifique sua



memória histórica e perceba no cotidiano narrado a crise social. O narrador de *Nós, os do Makulusu*, em sua memória angustiada coloca em cena as tensões individuais geradas a partir do passado e do presente: o passado da criança, repleto de esperanças onde os conflitos pertenciam ao universo dos adultos e o presente marcado pela morte do irmão representando todo o choque dos conflitos da guerra.

3 - Do contador de história à memória abalada

E lembrava-se do tempo em que não havia perguntas, respostas e explicações⁶

Lembrar se configura como um processo subjetivo e complexo, faz parte da busca de identidade e esta, todavia, é múltipla e tem relações com o presente da enunciação e com o porvir. Compreender este processo e transfigurá-lo para a narrativa é um trabalho árduo de muita sensibilidade artística, pois a memória é desorganizada, e avessa a fixações que é característica da escrita (MAQUÊA, 2010, p. 17).

Em *Nós, os do Makulusu*, Luandino busca nas inconstâncias da memória o modelo para estruturá-la. Já em *Nosso Musseque*, o narrador contador de histórias da infância evoca a figura do *griot*, pessoa que detém o poder da palavra em rodas de contação de história nas culturas de tradição oral, é considerado sábio e de importância significativa, pois é ele que passa de geração em geração a memória e tradição de um povo.

No desenrolar das narrativas, várias outras vezes se manifestam dentro da memória dos narradores demonstrando a impossibilidade de se narrar sozinho. Em *Nosso Musseque* o narrador divide a fala com outras personagens, que acabam por compor sua memória e contribuem com a narrativa. Essas personagens também são contadoras de história e uma delas é Zeca Bunéu que se mete nas conversas dos adultos, inventando a seu modo as histórias. O narrador dá voz ao Zeca porque considera o amigo um verdadeiro contador, não conta como realmente aconteceu, conta como acha interessante que seja lembrado. Outro amigo a quem o narrador reserva espaço é Xoxombo, menino de musseque que morreu, mas é guardado com carinho nas lembranças dos amigos:

⁶ Do conto A fronteira de asfalto que compõe a primeira obra de Luandino Vieira A cidade e a infância. Neste trecho o narrador do conto refere-se às lembranças do protagonista Ricardo, menino negro que vivia num bairro pobre de Luanda, que sofre ao dar-se conta que entre o seu mundo e o da amiga Nina, branca e de família com boas condições financeiras, havia uma fronteira de asfalto, que neste caso simboliza a divisão entre o colonizador e o colonizado.



O meu nome é Xoxombo. Só na escola é que eu digo meu nome todo, quando a professora pergunta. E digo também que nasci da minha mãe, senhora Domingas João, negra, a sô pessora diz que isso não precisa dizer, e do meu pai, senhor capitão Bento de Jesus Abano, mulato, a sô pessora também quer que eu diga misto, mas é como eu gosto dizer. Nasci na Ingombota, ando na terceira e tenho nove anos. A sô pessora é boa, mas eu não gosto dela. [...] Mais ou menos assim é a lembranças daquele caderno de Xoxombo e, nalgumas folhas, na sua letra redonda, ele tinha escrito conversas e confusão lá do musseque (VIEIRA, 2004, p. 47-48).

Em *Nós, os do Makulusu* as lembranças do passado de Mais-Velho abrem espaços para expressões de outras personagens, mas a memória segue outros paralelos com a ordem. Tais lembranças são tão fiéis à maquinaria da memória, a ponto de não sabermos a que lugar da memória eles pertenceram; se fizeram parte de um dever, de uma vontade de realização do futuro ou se são reformulações do passado concreto.

Meu amor: estou camuflado de sangue – vinte meses de guerra, vinte meses de viúva, perdoar-me-ás? E as tuas mãos sobre os meus olhos curarão as feridas que aí estão gravadas a sangue, deixarei de as ver toda a vida? Não digas isto ao Mais-Velho, deixa-o ainda pensar-me capitão-mor, sim?... Diz ao Mais-Velho que continuo de catana na mão, a abrir picada que eu quis e comecei, mas que ontem ao luar, fora da barraca, me senti cansado por dentro e que lhe perguntei, porque ele anda sempre aqui comigo no mais analfabeto da minha coluna que é o mais puro dos moços que eu vou ver morrer hoje ou amanhã, e que ele me respondeu que não sei, meu alferes, o meu alferes é que sabe. Terá um fim a picada? Cortarei a última trepadeira, rasgarei as lianas e desembocarei na estrada, no largo areal luminoso que ao sol alcatroámos, como dizem os poetas do Paizinho? Diz-lhe que, se em breve aí der um salto, depois de dois anos de silêncio, preciso de discutir com ele outra vez: mas que não me venha com livros, que me berre e diga asneiras!... (VIEIRA, 1991, p. 123).

Neste trecho, uma carta para Rute, Maninho, que está na guerra, relata os sentimentos vivenciados e as dúvidas suscitadas quando se está em guerra: “me senti cansado por dentro [...] Terá um fim a picada?”. A utopia que antes movera Maninho até os campos de batalha se desfaz ao choque do conflito armado. O relato de Maninho representa a ação distante dos livros, o testemunho de quem foi à guerra de fato. Suas considerações são distintas da do narrador que não guerreou, mas faz parte de grupos de resistência.

A memória de cada indivíduo é parte constitutiva de um todo chamado de



coletividade e nas duas narrativas em questão observamos a preocupação em representar essa condição da memória. O passado, vivido em coletividade, tantas vezes evocado pelos narradores, em ambas narrativas representa uma forma de dialogar com suas identidades em formação.

Em *Nosso Musseque* o narrador tem imensa segurança a respeito de seu passado; pode ter sido acometido por tristezas ou alegrias, mas sua memória é regular e construída apenas a partir do passado. A complexidade apresentada ao leitor vincula-se ao recuo temporal na narrativa e até mesmo às condições e efeitos históricos da publicação que se deu quarenta anos depois de ter sido escrita e mais de 60 após os “fatos” ficcionados. Ao passo que ao investigarmos as memórias de Mais-Velho atentamos para a complexidade de sua formação, pois ela ultrapassa os acontecimentos do passado e do próprio devir. A oscilação entre o passado concreto e o que foi devir e o devir estão em constante negociação com o presente recriando novas temporalidades.

Há a quebra de linearidade de uma obra para outra. Enquanto *Nosso Musseque* segue a cronologia da infância até a vida adulta, em *Nós, os do Makulusu* o fluxo de pensamento não abre espaço para cronologia nem linearidades, a narrativa é o pensamento e como tal irregular. A não linearidade encerra-se como maneira de o narrador absorver a crise. Os conflitos que sofre não o desestruturam, são na verdade indícios de uma identidade em formação. O texto deixa subentendido que Mais-Velho reconhece a impossibilidade de voltar plenamente ao “musseque” de antigamente, mesmo pela memória, então, rever o passado, lembrando configura-se como um ato positivo de integrar-se o mundo. Lembrando o texto inteiro do lugar onde cresceu o narrador questiona-se deixando a narrativa em aberto, assim como sua vida nas duas margens da memória, passado e futuro;

E soube de certa certeza que ele nunca nos ia trair, que aquela cabeça nunca atraía o corpo e os corpos que moravam dentro daquela cabeça e que aquele corpo, mesmo que lhe matassem, não podia nada contra a cabeça que lhe aguentava: não tinha ligação. Paizinho tinha construído um só sentido em sua vida e como assim, podiam matar-lhe a cabeça que matavam-lhe o corpo, mas o contrário nunca.

Nos olhou a todos, me viu parecia nunca me tinha visto e eu tive vergonha por não ter, por não ter ido primeiro fazer a barba e pôr casaco e gravata preta, para ele saber que Maninho, o melhor de nós, tinha morrido.

O carro dos pides arranca. Fico ali, no lado de Maricota, e o funeral



de meu irmão cassula marcado para ais tarde.

Nós, os do Makulusu? (VIEIRA, 2004, p.154).

Segundo Rita Chaves, *Nós, os do Makulusu* é construído a partir do movimento de contradições onde estão a raiz de dois fenômenos: “de um lado a marcante ligação com o real, alimentada pelas referências à amargura de um presente delineado pela noção de morte; de outro a necessidade de reviver sensações como resgate de mundo fantasioso configurado nas areias no Makulusu da infância” (1999, p. 176).

Com o questionamento do narrador, fundado na dor do presente e na tentativa de resgate da infância, as fronteiras se relativizam e a identidade reflete esse espaço, sem marcações rígidas. O mundo se desmancha para todos, tanto para Mais-Velho, quanto para os meninos do Makulusu. O mundo relativizado pelos conflitos contamina a capacidade comunicativa da palavra. Para Rita Chaves,

a dissolução das referências, jogando o narrador num abismo de sensações, não deve ser lida enquanto tradução de um esfacelamento individualizado. A estilização literária, espriada num ponto de vista que esgarça as categorias do tempo, espaço e causalidade, constitui um fenômeno interessante: ao especificar o indivíduo, permite simultaneamente compor a biografia de um grupo social e culturalmente definido. Dessa fusão deriva a textura histórica extraordinariamente trabalhada no romance de Luandino, diferenciando o intrincado tecido que se monta nas linhas de seu foco narrativo daquele niilismo individualista espelhado nas propostas literárias pelos canais da pós-modernidade (1999, p. 181).

Entre as duas narrativas há muitas diferenças, inclusive de estilo, contudo, ambos narradores transcendem o fato particular de suas experiências na media em que operam o afastamento do eu do presente em busca de compensação para uma realidade dura e compreensão de si. A experiência privada dos meninos que outrora foram felizes, mesmo vivendo uma vida difícil em bairros pobres, é exemplar para aplicar o projeto literário nacionalista. Os acontecimentos individuais se confundem com o ideal da nação, sendo os narradores representantes ou até mesmo símbolos de uma nação em construção. Nosso *Musseque*, escrito no início da luta armada carrega as macas da utopia, que nada tem a ver com ilusão, e *Nós, os do Makulusu*, representa já um tempo desnudado das lutas, quando as relações entre angolanos e portugueses não andavam nada amistosas, mas apontavam para transformações e novos paradigmas.



Referências

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano: entre intenções e gestos.** Coleção Via Atlântica, nº 1. São Paulo: USP/FFLCH/DLCV/ECLLP, 1999.

LEVÉCOT, Agnés. **Uma guerra sem guerra: da circunstância à universalidade em Nós, os do Makulusu de Luandino.** In Poéticas, políticas e representações literárias. São Paulo: Arte e Ciência, 2011.

MAQUÊA, Vera. **A escrita nômade do presente: literaturas de língua portuguesa.** São Paulo: Arte & Ciência, 2010.

VIEIRA, Luandino. **Nós, os do Makulusu.** Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

_____. **Nosso Musseque.** Luanda - Angola: Editora Nzila, 2003.

Data de aceite do texto: 03/06/2013. O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade da autora.

